



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**FATORES QUE INFLUENCIAM A PARCERIA ENTRE ESCOLA E
FAMÍLIA DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS
ESPECIAIS**

EDITE RODRIGUES CARDOSO FILHA

ORIENTADORA: SÍLVIA URMILA ALMEIDA SANTOS

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

EDITE RODRIGUES CARDOSO FILHA

FATORES QUE INFLUENCIAM A PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
do Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Sílvia Urmila Almeida Santos

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

EDITE RODRIGUES CARDOSO FILHA

FATORES QUE INFLUENCIAM A PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

SÍLVIA URMILA ALMEIDA SANTOS (Orientadora)

FERNANDA CUPOLILLO MIANA DE FARIA (Examinadora)

EDITE RODRIGUES CARDOSO FILHA (Cursista)

BRASÍLIA/2015

Dedico este trabalho à minha mãe (*in memoriam*), minha maior incentivadora, que, mesmo não conseguindo ingressar em uma escola, sempre me incentivou a estudar e sempre acreditou no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu incomparável refúgio e fortaleza nos momentos de incertezas, medos e angústias.

Aos colegas que foram a âncora de sustentação nos momentos de incertezas, principalmente, ao colega Damião, que foi a mola mestra do grupo de estudos.

Aos professores e à tutora e orientadora Sílvia Urmila Almeida Santos.

Aos familiares, pelo apoio, pela paciência e por suportar a minha ausência, mesmo quando presente fisicamente, mas a mente vagando, focalizada nos trabalhos.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar e compreender quais fatores que favorecem e/ou enfraquecem a parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), tendo como contexto de pesquisa uma escola pública do município de Carinhanha (BA). Os textos utilizados na fundamentação teórica ajudaram a compreender o processo de ensino-aprendizagem de alunos com NEE, a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski, a fim de abordar a relação entre família e escola, conceitos estes tão importantes para a implementação de um sistema de ensino voltado às diferenças. A metodologia é de cunho qualitativo, tendo como instrumento de pesquisa o questionário semiestruturado e observações na escola. Os participantes foram três mães de alunos com NEE, a diretora e dois professores da escola em que esta pesquisa foi realizada. Os resultados alcançados demonstraram a importância do relacionamento e da parceria entre família e escola para implementação de um trabalho em rede que potencialize o processo de ensino-aprendizagem de alunos com NEE.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Família. Escola. Alunos com necessidades educacionais especiais.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1 A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e o ensino regular	10
1.2 Relação entre família e escola: uma análise a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski.....	13
1.2.1 <i>Escola e família: a importância de se construir um trabalho em rede</i>	14
CAPÍTULO 2: OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral.....	16
2.2 Objetivos específicos	16
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	17
3.1 Fundamentação teórica da metodologia	17
3.2 Contexto da pesquisa	18
3.3 Participantes.....	19
3.4 Materiais	20
3.5 Instrumentos de construção de dados.....	20
3.6 Procedimentos de construção de dados.....	21
3.7 Procedimentos de análise de dados.....	21
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1 Análise dos questionários aplicados à família.....	23
4.1.1 <i>A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais</i>	23
4.1.2 <i>A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais</i>	25
4.2 Análise dos questionários aplicados aos professores e à equipe pedagógica.....	27
4.2.1 <i>A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais</i>	27
4.2.2 <i>O professor e a família de alunos com necessidades educacionais especiais</i>	29
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À FAMÍLIA (MODELO)	36
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES E À EQUIPE PEDAGÓGICA (MODELO)	39
ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	42
ANEXO B – CARTA DE ACEITE INSTITUCIONAL	43
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE (PROFESSORES E DIRETORA)	44
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS).....	46

APRESENTAÇÃO

O interesse por realizar esta pesquisa surgiu a partir da minha inquietação como professora do ensino fundamental II. Leciono há vários anos e, há aproximadamente três, assumi uma turma do 5º ano. No início do ano letivo de 2014, no primeiro dia de aula, a secretária da escola em que trabalho me informou que uma aluna com Síndrome de Down havia me escolhido para ser “professora dela”. Fiquei muito comovida por ter sido “eleita”, mas também um pouco assustada. Foi nesse momento que começou a minha inquietação com o assunto da inclusão escolar, pois não sabia muito bem como lidar com a situação. No entanto, compreendi que necessitava imediatamente de ajuda para construir estratégias de ensino-aprendizagem que envolvessem plenamente aquela aluna no contexto da sala de aula.

O primeiro passo seria uma capacitação na área. Felizmente, logo surgiu a oportunidade de ingressar no Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, ofertado pelo Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (PED/IP/UnB), por intermédio da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Ao longo do curso, percebi que não há receitas prontas para se trabalhar com inclusão escolar, principalmente no que diz respeito à relação entre escola e família. Entendi, por exemplo, que não se deve focar na deficiência do aluno, mas compreender que cada ser humano é único. Também, passei a compreender que a diversidade cultural pode ser um fator favorável que contribuirá no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, isto é, a escola deve viabilizar práticas pedagógicas que elevem e valorizem a diversidade cultural, pois isso contribui para a superação de atitudes discriminatórias no ambiente escolar (KELMAN, 2010, p. 29).

Voltando às minhas motivações pessoais e profissionais para desenvolver este trabalho, um dos maiores obstáculos que enfrentei nessa minha experiência relatada anteriormente foi envolver a mãe dessa aluna no cenário educacional, isto é, no contexto de desenvolvimento acadêmico da estudante. Desde então, tenho percebido que tal questão tem sido a grande dificuldade que a escola enfrenta atualmente, isto é, envolver a família no contexto de ensino-aprendizagem, tendo em vista, principalmente, por exemplo, a grande diversidade cultural existente nas salas de aulas e o despreparo dos professores e

demais profissionais da escola para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Desta maneira, percebi e senti a importância de desenvolver um estudo mais aprofundado sobre a relação entre família e escola, a fim de compreender e investigar quais fatores podem favorecer e/ou enfraquecer a parceria e o diálogo entre esses dois atores sociais.

Na teoria, sabe-se que a inclusão escolar perpassa por vários contextos, por exemplo, o da família, pois a participação desta ajudará na elaboração de estratégias que possibilitem o desenvolvimento de seus filhos com necessidades educacionais especiais. No entanto, na prática, nos perguntamos: como fortalecer a parceria da escola junto à família, envolvendo os pais nas atividades escolares de seus filhos com necessidades educacionais especiais? Como construir uma rede de apoio mútuo entre família e escola? Qual é o papel do professor neste quadro? São questões como essas, dentre outras, que direcionam esta pesquisa.

Tendo em vista o exposto até o momento, o objetivo principal deste trabalho é, conforme já dito anteriormente, compreender e investigar quais fatores que favorecem e/ou enfraquecem a parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais. Como fundamentação teórica, utilizamos a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski, a fim de abordar a relação entre família e escola e entender como ambas são importantes contextos de desenvolvimento, e por isso o diálogo entre estas faz-se mister no âmbito da educação de alunos com NEE. Também, trabalhamos com a abordagem relativa à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e com o conceito de trabalho em rede.

Para alcançar os objetivos aqui propostos, utilizou-se a abordagem qualitativa. Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram dois questionários semiestruturados e observações da estrutura física e material da escola.

Por fim, para finalizar esta apresentação, é importante ressaltar que este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro traz os pressupostos teóricos utilizados nesta pesquisa. Já o segundo, trata dos objetivos gerais e específicos almejados por este trabalho. Por sua vez, o terceiro capítulo expõe a metodologia utilizada para realização da pesquisa. O quarto capítulo apresenta os resultados e a discussão teórica dos dados coletados. Finalmente, o quinto e último capítulo tece as conclusões as quais chegou-se com esta pesquisa.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, iremos expor a fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa. Falaremos, de forma concisa, sobre teorias e conceitos fundamentais para a elaboração deste trabalho: considerações breves sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) no ensino regular; abordagem sobre a relação entre família e escola, a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski; e reflexões sobre a importância da escola e da família, no âmbito da educação inclusiva, construir um trabalho em rede.

1.1 A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e o ensino regular

Para iniciar este tópico, necessitamos, primeiramente, entender o que é inclusão. De forma geral, pode-se entender inclusão como o processo de inserção dos indivíduos das mais diversas raças, religiões e etnias em todo e qualquer contexto social, com os mesmos direitos e oportunidades. Assim, a inclusão é, antes de tudo, aceitar e respeitar as diferenças, sem nenhuma forma de preconceito, discriminação ou segregação.

De acordo com Kelman (2010, p. 33), “a inclusão que se discute hoje tem origem, em meados do século XX, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Essa declaração foi um processo resultante do esforço da sociedade para conquistar igualdade de direitos e dignidade a todos”. Para a autora, falar sobre inclusão nos leva a pensar diretamente sobre exclusão. Segundo Kelman (2010, p. 34), “exclusão está vinculada não apenas à pobreza, mas também a questões de gênero, raça, religião ou deficiência”. Ao longo da história, ainda de acordo com a teórica, o processo de exclusão foi se modificando, “mas sempre abrangeu as pessoas com disfunção social ou inadaptação individual” (KELMAN, 2010, p. 34).

Diante disso, ao refletirmos sobre o conceito de inclusão, surge a necessidade de pensá-la também no contexto escolar. Como sabemos, o acesso à educação é um direito humano e fundamental, previsto na Constituição Federal de 1988. Além de estar previsto constitucionalmente, há outros vários documentos jurídicos no país que contêm dispositivos relevantes a respeito disso. Podemos citar, por exemplo, o Estatuto da Criança

e do Adolescente (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), dentre outros.

No entanto, apesar de o direito à educação estar garantido em vários dispositivos jurídicos legais, e ser um dever do Estado e da família, na prática ainda observamos muita discriminação, exclusão e segregação nas escolas. Esta situação se agrava ainda mais quando se tratam de pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE). Segundo Fávero (2006, p. 1), ao observamos a existência de tantos dispositivos legais que fundamentam e garantem o direito à educação a qualquer pessoa, “parece então muito óbvio que as pessoas com deficiência também têm direito à educação, mas as estatísticas teimam em demonstrar que na prática esse direito está muito longe de ser garantido”.

Entende-se por pessoas com necessidades educacionais especiais as que apresentam elevada capacidade ou dificuldades de aprendizagem, ocasionadas por diversos fatores. De acordo com Fernandes e Viana (2009, p. 308), “pessoas com NEE apresentam, normalmente, impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que, em interação com diversas barreiras, podem restringir sua participação efetiva na escola e na sociedade”. Segundo Magalhães (2003 apud FERNANDES; VIANA, 2009, p. 308), esse alunado é composto por alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, deficiência física sensorial (cegos, surdos e surdos-cegos), deficiência física não sensorial (paralisia cerebral, por exemplo), deficiência mental, deficiências múltiplas etc. Ainda, compondo este grupo, há os alunos com altas habilidades (superdotação), que precisam de currículo diferenciado por causa de sua superior capacidade de aprendizagem.

Como vimos acima, as pessoas com necessidades educacionais especiais possuem particularidades a serem consideradas e respeitadas no processo de ensino-aprendizagem. O acesso ao ensino regular, por essas pessoas, é um direito, tendo a escola o dever de acolher a todos os indivíduos, sem preconceitos de qualquer natureza e sem perpetuar práticas de exclusão. Nesse sentido, a escola precisa se transformar e/ou se preparar para acolher as diferenças. Além disso, ela deve estimular o desenvolvimento da identidade de cada indivíduo, sem focar apenas na transmissão mecânica de conteúdos curriculares.

De acordo com a cartilha “O acesso de pessoas com deficiência às classes e escolas comuns da rede regular de ensino”, elaborada, em 2003, pelo Ministério Público Federal (MPF), para que as pessoas com necessidades educacionais especiais possam exercer o

direito à educação em sua plenitude, “é indispensável que a escola de ensino regular se adapte às mais diversas situações, conforme as necessidades dos alunos inseridos em suas salas de aula” (p. 15). Por exemplo, a escola deve propiciar ao aluno com NEE, no turno oposto em que estuda, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), com profissionais especializados. Também, a escola deve abrir espaço para que a cooperação, o diálogo e a criatividade sejam exercitados no ambiente escolar, por professores, funcionários, alunos e família. Além disso, os professores que atuam em sala de aula com alunos com necessidades educacionais especiais devem aperfeiçoar suas práticas para exercer suas funções enquanto educador, atendendo, assim, às peculiaridades de seu alunado.

Para Fernandes (2006, p. 5),

A educação inclusiva exige atendimento de necessidades educacionais especiais envolvendo o trabalho com a diversidade de forma interativa – comunidade escolar, família, setores/profissionais especializados – a inclusão requer que as pessoas com necessidades educacionais especiais saiam da exclusão e participem das classes.

Apesar de todos esses pressupostos, as escolas regulares ainda estão longe, na maioria dos casos, de se tornarem verdadeiramente inclusivas, e muitos motivos podem ser responsáveis por esta situação: escassez de recursos e serviços que assegurem a plena inserção de estudantes com NEE no contexto da sala de aula regular; falta de professores preparados e especializados para atuarem na educação inclusiva; falta de estrutura física adequada e adaptada; dentre outros.

Como vimos, mudar a escola é um trabalho que exige muito esforço e dedicação, pois a educação inclusiva não acontece da noite para o dia, sendo imprescindível o comprometimento de toda a comunidade escolar neste processo. Além disso, é necessário que as práticas pedagógicas se adequem, gradativamente, às particularidades de cada educando. Em última instância, segundo Fumegalli (2012, p. 23), “só se consegue atingir esse sucesso quando a escola regular assume que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em grande parte do modo como o ensino é ministrado, a aprendizagem é concebida e avaliada”.

1.2 Relação entre família e escola: uma análise a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski

No tópico anterior, vimos que o acesso pleno do aluno com necessidades educacionais especiais ao ensino regular é uma tarefa que demanda um trabalho em muitas frentes. Além disso, é uma tarefa que desafia o sistema educacional e que exige o comprometimento de toda a comunidade escolar e da família. Tendo isso em vista, e considerando o objeto de estudo desta pesquisa, faz-se importante refletir, brevemente, sobre a relação entre família e escola, a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano de Lev Vigotski, psicólogo russo.

De acordo com Kelman (2010, p. 17), são quatro os conceitos fundamentais que compõem a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski:

(a) *internalização*, onde ele vai falar sobre as funções psicológicas que aparecem duas vezes, primeiro intersubjetivamente, decorrente das relações entre as pessoas, e depois intrasubjetivamente, após ter ocorrido a internalização; (b) *mediação*, que implica na utilização dos sistemas de signos, como a linguagem, a leitura, a escrita e o cálculo e que permitem ao sujeito lembrar, escolher, por exemplo; (c) *zona de desenvolvimento proximal*, definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 1994, p. 112). E finalmente, (d) *a relação entre aprendizagem e desenvolvimento*, em que revela o processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que a cercam. (grifos da autora)

A partir dos conceitos expostos acima, percebe-se a relevância do papel da família no desenvolvimento psíquico e social da criança, já que, segundo Kelman (2010, p. 17), a teoria de Vigotski ressalta a importância de um ator mais experiente – como os pais – no processo de aprendizagem do sujeito, atuando em sua zona de desenvolvimento proximal. Nesse sentido, a família se constitui como um dos primeiros ambientes de aprendizagem do ser humano, tendo, portanto, “um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes

formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

Essas diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as relações sociais são futuramente ampliadas na escola, outro importante contexto de desenvolvimento humano. De acordo com Rego (2003 apud DESSEN; POLONIA, 2007, p. 25), “é nesse espaço físico psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela”. Os professores, segundo a abordagem de Vigotski, também são sujeitos mais experientes que exercem papel importante no processo de aprendizagem do sujeito. Além disso, de acordo com Oliveira (apud DESSEN; POLONIA, 2007, 25), a escola é “um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade”.

Segundo Kelman (2010, p. 38), “a vida de um sujeito é marcada por influências distintas decorrentes dos variados contextos de desenvolvimento dos quais participa e que o influenciam ao longo de sua vida”. Essas influências podem contribuir tanto de forma positiva como negativa, como ressaltam Dessen e Polônia (2007, p. 27), podendo atuar como desencadeadoras de conflitos e/ou desajustes sociais. Assim, compreende-se a importância do diálogo entre família e escola, tendo em vista que são dois importantes contextos de formação e desenvolvimento do ser humano. Se bem-estruturados e em constante diálogo, podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia do sujeito.

1.2.1 Escola e família: a importância de se construir um trabalho em rede

A escola que atende crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais acaba por desempenhar também um papel de assistência às famílias desses alunos. Como vimos no tópico anterior, a parceria e o diálogo entre a escola e a família é fundamental para que a educação inclusiva seja uma realidade e para que aconteça da forma mais democrática possível. Em última instância, a parceria entre escola e família pode ser fortalecida por meio de um trabalho em rede, com foco na colaboração e na distribuição adequada de responsabilidades.

De acordo com Mendes (2013, p. 91), “o trabalho em rede se dá por meio de processos sociais, objetivando à consecução de fins comuns”. Segundo esse autor, a coordenação do trabalho em rede apresenta como maior desafio manter a produção conjunta de seus membros. Nesse sentido, o trabalho em rede se sustenta pela vontade e afinidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso organizacional, tanto para as relações pessoais quanto para a estruturação social.

No âmbito da educação inclusiva, o trabalho em rede “tem o potencial de fortalecer sujeitos e ações na perspectiva da garantia de direitos” (EYNG, 2013, p. 1). Além disso, o trabalho em rede envolve a família na definição de prioridades e tomadas de decisões relativas ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Dessen e Polonia (2007, p. 28) defendem que, para que o trabalho em rede entre escola e família dê resultados, é necessário que as escolas invistam “no fortalecimento das associações de pais e mestres, no conselho escolar, dentre outros espaços de participação, de modo a propiciar a articulação da família com a comunidade, estabelecendo relações mais próximas”. Ainda segundo as autoras, como a escola e a família são os dois principais contextos de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas, “é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 29). Diante disso, o trabalho em rede constitui ação relevante no âmbito da inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais.

CAPÍTULO 2: OBJETIVOS

Neste capítulo, discorreremos sobre os objetivos pretendidos por esta pesquisa. No objetivo geral, falaremos sobre o que se desejou alcançar com este trabalho, por quais meios e para qual finalidade. Já na exposição dos objetivos específicos, discorreremos sobre as questões secundárias, mas não menos relevantes, que nortearam o processo de construção deste trabalho.

2.1 Objetivo geral

Investigar e compreender quais fatores favorecem e/ou enfraquecem a parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA).

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer, do ponto de vista de pais de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), quais estratégias podem ser adotadas para que a parceria entre família e escola se fortaleça.
- Investigar a opinião de professores sobre a relevância de seu papel como mediador do diálogo entre família e escola.
- Descobrir quais estratégias a escola têm desenvolvido para ampliar a parceria e o diálogo entre escola e família de alunos com NEE.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

Discorreremos, neste capítulo, sobre a metodologia empregada neste trabalho, de modo a expor os caminhos que nortearam a construção desta pesquisa.

3.1 Fundamentação teórica da metodologia

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, que tem como objetivo observar a realidade vivenciada por uma pessoa e/ou um grupo de pessoas.

Segundo Alves e Silva (1992, p. 60), “a análise qualitativa de dados é um fenômeno recentemente retomado, que se caracteriza por ser um processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiano dos sujeitos”. Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 140), a pesquisa qualitativa objetiva favorecer a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado, e, por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais. Os autores destacam, ainda, o que se pretende por meio da abordagem qualitativa: “conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 140).

Conforme já exposto anteriormente, esta pesquisa busca investigar e compreender quais fatores favorecem e/ou enfraquecem a parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA). Para tanto, a pesquisa concentrou-se no estudo de caso. De acordo com Oliveira (2008, p. 4), “o estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores”.

O instrumento de pesquisa utilizado para coleta de dados foi um questionário semiestruturado, que, segundo Severino (2013, p. 125), destina-se “a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. As questões que compõem o questionário são abertas, pois, desta maneira, “o sujeito pode elaborar as respostas com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal” (SEVERINO, 2013, p. 126). Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 146), “um outro aspecto que justifica a defesa da não estruturação ou semiestruturação da entrevista na pesquisa qualitativa é que esta abordagem almeja compreender uma realidade particular e assume um forte compromisso com a transformação social, por meio da auto-reflexão”.

3.2 Contexto da pesquisa

A escola pública em que foi realizada esta pesquisa está localizada no município de Carinhanha (BA). A instituição oferece educação infantil, ensino fundamental I e II, Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como os programas Todos pela Educação (TOPA) e Mais Educação.

A escola oferece aos alunos oficinas de teatro, letramento, esportes e canteiros sustentáveis. Ela atende, no momento, cerca de 381 alunos. Deste quantitativo, seis são alunos com NEE: dois com deficiência mental; dois com Síndrome de Down; um com deficiência física; um com deficiência auditiva.

O quadro de funcionários da escola é composto por quatro merendeiras, quatro faxineiras, dois porteiros, quatro motoristas, 17 professores, um diretor e um secretário. É importante ressaltar que, dos 17 professores que compõem a equipe docente, somente dois não possuem nível superior. No entanto, nenhum deles têm formação específica em educação inclusiva.

A instituição foi criada em 1981. Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui nove salas, um laboratório de informática sem acesso à internet, uma minibiblioteca, uma cozinha, uma sala de professor, uma secretaria e diretoria, dois banheiros masculinos e dois femininos que não oferecem acessibilidade nem a alunos

cadeirantes e nem a alunos da educação infantil, pois as portas são muito estreitas, e vasos, pias e caixas de descarga possuem tamanho para uso adulto.

Por meio das observações realizadas na escola, foi possível constatar que o estado de conservação da instituição necessita de cuidados. Em relação à sua estrutura física, a escola ainda não foi adequada às novas normas de acessibilidade, fato que dificulta a inserção e o acesso de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto escolar. A escola não possui rampas que dão acesso ao pátio e à quadra poliesportiva. Além disso, as portas das salas de aulas, laboratórios e banheiros são estreitas. Por fim, cabe ressaltar que a escola não tem Sala de Recursos Multifuncionais e nem equipamentos necessários aos alunos com necessidades educacionais especiais.

3.3 Participantes

Para a realização deste trabalho, participaram da pesquisa¹:

- Uma mãe de aluna com Síndrome de Down, que aqui denominaremos de M.L.M.S, 48 anos, cursou o ensino fundamental I;
- Uma mãe de aluno com deficiência auditiva, que aqui denominaremos de S.S.S, 32 anos, cursou o ensino fundamental II;
- Uma mãe de aluno com deficiência física, que aqui denominaremos de E.M.S, 30 anos, formação em pedagogia, atua como monitora;
- Um professor de matemática, que aqui denominaremos de V.P. Santos, 46 anos, formação em matemática;
- Uma professora do 4º ano, que aqui denominaremos de V.P. Souza, 43 anos, formação em magistério;
- A diretora da instituição, que aqui denominaremos de S.J.S.S, 43 anos, formação em história.

¹ Utilizamos as iniciais dos nomes dos participantes para preservação de identidade.

3.4 Materiais

Para realização deste trabalho, foram utilizados os seguintes materiais:

- bloco de notas;
- papel;
- canetas;
- lápis;
- 1 computador;
- 1 impressora.

3.5 Instrumentos de construção de dados

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa para construção dos dados foram: questionário semiestruturado e observações.

O questionário semiestruturado aplicado à família (Apêndice A) foi respondido pelas três mães participantes da pesquisa. Ele é composto por duas categorias, são elas: Categoria 1: A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais; Categoria 2: A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. São nove questões abertas, no total.

Já o questionário semiestruturado aplicado aos professores e à equipe pedagógica (Apêndice B) foi respondido pelos dois professores participantes da pesquisa e pela diretora da escola. Ele é composto por duas categorias, são elas: Categoria 1: A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais; Categoria 2: O professor e a família de alunos com necessidades educacionais especiais. São seis questões abertas, no total.

As observações foram realizadas em dois momentos, com objetivo de conhecer a realidade dos participantes da pesquisa e a estrutura física e material da escola. No primeiro momento, visitou-se a escola com intuito de observar a sua estrutura física e material. Já no segundo dia, conversou-se com a diretora e os demais professores participantes da pesquisa a fim de compreender como procede a atuação no contexto das

salas de aulas do ensino regular. Em todos os momentos de observação, utilizou-se um bloco de anotações.

3.6 Procedimentos de construção de dados

Para iniciar a pesquisa, realizou-se uma primeira visita à escola, por meio da qual apresentou-se a proposta deste trabalho, bem como seus objetivos. Nessa primeira conversa, o então vice-diretor da instituição não mediu esforços para que a pesquisa fosse realizada na unidade de ensino em questão. Também nesse primeiro momento, o então vice-diretor falou sobre o número de alunos com necessidades educacionais especiais matriculados na instituição, além de informar os dados referentes a três famílias que poderiam colaborar com a pesquisa.

Após essa primeira visita, realizou-se o contato inicial com as famílias, a fim de saber se estariam realmente disponíveis a colaborar com a pesquisa. Nesse momento, explicou-se a proposta e os objetivos do trabalho. O contato foi feito com as mães dos alunos, pois os pais não estavam disponíveis. Todas as três mães participantes da pesquisa se comprometeram a colaborar. Nesse primeiro contato, acertou-se o dia para aplicação do questionário de pesquisa e entrega do Termo de Consentimento Livre (Anexo D).

Em um segundo momento, realizou-se contato com a diretora da instituição, a fim de entregar à escola, aos professores e à equipe pedagógica os seguintes documentos: Carta de Apresentação (Anexo A), Aceite Institucional (Anexo B) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C). Também na ocasião, agendou-se a visita para aplicação do questionário de pesquisa.

3.7 Procedimentos de análise de dados

Após a coleta de dados, deu-se início à análise e discussão teórica dos resultados de pesquisa.

Os questionários aplicados às famílias e aos professores e à equipe pedagógica foram construídos de antemão com as questões já separadas por categorias, a fim de

facilitar o processo de análise e organização dos dados. A discussão dos resultados foi feita à luz da fundamentação teórica empregada nesta pesquisa.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários aplicados tinham como objetivo investigar e compreender quais fatores favorecem e/ou enfraquecem a parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA).

Por meio dos questionários aplicados aos participantes da pesquisa, foi possível entender aspectos relevantes para o estudo.

Conforme dito anteriormente, os questionários semiestruturados foram construídos previamente a partir de categorias de análise, a fim de facilitar a compreensão das perguntas por parte do sujeito participante, bem como para facilitar a construção da análise dos dados por parte do pesquisador, que também será feita por categorias, conforme veremos a seguir.

4.1 Análise dos questionários aplicados à família

4.1.1 A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais

As famílias foram solicitadas a emitirem sua opinião em relação ao processo de inclusão de seus filhos e às estratégias utilizadas pela escola para ampliar a parceria e o diálogo. Segundo as mães **S.S.S** e **M.L.M.S.**, embora tenham sido convocadas para uma única palestra com psiquiatra e assistente social e algumas reuniões bimestrais de pais e mestres, isso não foi o suficiente para que a inclusão acontecesse na prática. Já a mãe **E.M.S** disse não perceber nenhuma iniciativa de inclusão e que ainda há muito a ser feito para assegurar os direitos previstos em lei.

Diante da fala das três mães, percebe-se que os alunos com necessidades educacionais especiais estão integrados, mas não incluídos, pois a instituição precisa envolver todos nesse processo, buscando tornar a escola um espaço acessível para todos. De acordo com a cartilha “O acesso de pessoas com deficiência às classes e escolas comuns da rede regular de ensino”, elaborada, em 2003, pelo Ministério Público Federal

(MPF), “na perspectiva de uma educação inclusiva não se espera mais que a pessoa com deficiência se integre por si mesma, mas que os ambientes, inclusive o educacional, se transformem para possibilitar essa inserção” (p. 15).

As famílias foram, também, convocadas a ressaltarem pontos positivos e negativos em relação às estratégias desenvolvidas pela escola para ampliar o diálogo e a parceria com a família de alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a opinarem se essas estratégias têm trazido bons resultados.

As mães **M.L.M.S** e **S.S.S** destacaram diversos pontos negativos que têm dificultado o diálogo entre família e escola. Elas compartilharam da ideia de que a falta de professor especializado para orientar os pais pode dificultar o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. Já a mãe **E.M.S** destacou que essas dificuldades influenciam no crescimento gradual do aluno e na parceria entre escola e família. Nesse sentido, Fernandes (2006, p. 8) afirma que “nos contatos que são vivenciados entre pais e professores, a relação estabelecida entre escola e família é (ou deveria ser) um dos pilares que sustentam a educação escolar”.

Nessa perspectiva, as famílias foram ainda solicitadas a listarem os fatores que favorecem e enfraquecem a parceria e o diálogo entre elas e a escola. Para as mães **M.L.M.S** e **S.S.S**, são estes os fatores que favorecem: buscar incentivo através de palestras, oficinas ou seminários com profissionais especializados para favorecer a parceria e o diálogo entre escola e família; orientar os professores das salas de ensino regular a desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que valorizem a especificidade de cada indivíduo. A mãe **E.M.S** complementou, destacando a questão da solidariedade: “Esses cidadãos que antes eram excluídos vêm dia a dia ocupando seu lugar de direito. E a escola como transmissora ou mediadora tem que desenvolver o espírito de solidariedade”.

M.L.M.S e **S.S.S** destacaram os fatores que enfraquecem essa parceria: falta de diálogo e palestra com professor especializado; falta de incentivo e informação; falta de cursos. Por seu turno, a mãe **E.M.S** destacou: “Ignorar a situação porque quando não se faz nada para trabalhar a realidade é ignorar. Fazer de conta que somos todos iguais quando em leis e direitos não somos. Quando diz tem que tratar todos iguais quando nós não somos iguais, somos todos especiais, por que somos diferentes”.

4.1.2 A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais

Nesta categoria, as famílias foram solicitadas a descreverem os cursos e/ou palestras proporcionadas pela escola com profissionais especializados em educação inclusiva e a opinarem sobre se isso fortaleceu a parceria e o diálogo entre elas e a escola. Em caso negativo, as famílias deveriam justificar o porquê.

As mães **M.L.M.S** e **S.S.S** afirmaram jamais terem participado de cursos com profissionais especializados em educação inclusiva, apenas de uma palestra. Por sua vez, a mãe **E.M.S** apontou o desinteresse dos órgãos competentes e dos profissionais da instituição, tendo em vista que não procuram se envolver no processo de inclusão e não buscam se especializar no assunto. Nesse sentido, Raposo e Carvalho (2010, p. 157) afirmam que “o espaço escolar representa concretamente um dos cenários de construção e de mudanças e deve ser compreendido em sua complexidade e em suas possibilidades relacionadas a cada sujeito e à sociedade”. Podemos inferir, do posicionamento das autoras e da fala das mães, que toda a equipe escolar precisa se envolver no processo de mudança e de implementação da construção do contexto inclusivo e enquanto os órgãos competentes não fazem valer o que determina a lei, os professores não podem cruzar os braços, mas devem procurar se informar e se especializar.

As famílias foram indagadas, também, sobre o que pensam em relação ao papel da escola no que diz respeito ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. A mãe **M.L.M.S** disse: “Não posso reclamar da escola pois o médico me disse que ela (a filha) apresenta retardo em tudo”. No entanto, conforme Gil, Santos e Barbato (2010, p. 126), “na maioria das vezes o laudo médico não informa diretamente como a criança se locomove, alimenta-se ou comunica-se”, isto é, não devemos nos conformar com o laudo médico, mas acreditar nas possibilidades de aprendizagem de todo ser humano, cada um a seu tempo e à sua maneira. Já a mãe **S.S.S** diz se sentir feliz pelo filho com deficiência auditiva ter aprendido a ler por meio de linguagem labial, mas está ciente de que “se tivesse um professor especialista em libras o desenvolvimento dele seria melhor”. Entretanto, Kelman (2010, p. 141) destaca que “sabemos que o ensino em língua de sinais, por si só, não garante uma inclusão satisfatória, até porque muitos intérpretes não dominam a língua de sinais, o que dificulta a compreensão das aulas e a participação nas mesmas”. A autora ressalta, ainda, que “o contexto histórico da educação de surdos é

permeado por conflitos entre os métodos adotados e os profissionais da área, que durante muitos anos ditaram maneiras de ensinar aos surdos” (KELMAN, 2010, p. 143). Dessa forma, percebe-se que os professores estão desorientados sem saber como atuar frente a essa demanda.

As mães foram solicitadas a dizerem se a escola tem cumprido o papel de ser um ambiente inclusivo e acolhedor para o aluno com necessidade educacional especial. Todas, de maneira unânime, concordaram que não. A mãe **E.M.S** destacou, ainda, que acontece só na teoria, pois, na prática, ainda não acontece, já que os “profissionais não estão adaptados a atender as necessidades especificadas dos alunos e ninguém faz diferente”. Nesse sentido, Coelho, Maciel e Barbato (2010, p. 55) afirmam: “Sem dúvida o grande desafio do processo histórico da inclusão educacional é passar do plano de princípios ou das declarações para a implementação de uma prática, no plano da ação”.

Ainda nesta categoria, as famílias foram questionadas sobre se enfrentaram alguma resistência e/ou dificuldade no momento de matricularem seus filhos na escola. As mães **S.S.S** e **M.L.M.S** declararam que não, mas a mãe **E.M.S** afirmou que a turma que recebeu seu filho com deficiência física não recebeu uma orientação antes que a criança adentrasse a sala de aula do ensino regular e isso dificultou a convivência com os demais colegas no primeiro momento. Ela destacou, também, que seu filho sofre com o preconceito e a discriminação por parte de alguns colegas.

Considerando que a escola deve ser um espaço de reflexão e inclusão dos alunos com NEE, conforme nos coloca Kelman (2010), as mães foram convidadas a sugerirem à escola ações que consideram importantes para fortalecer e ampliar o diálogo e a parceria com as famílias de alunos com necessidades educacionais especiais. As mães **M.L.M.S** e **S.S.S** falaram sobre a importância de a escola desenvolver cursos específicos para pais e alunos, como a Língua de Sinais (Libras), reuniões constantes, implementar Salas de Recursos Multifuncionais, professor das salas de AEE trabalhando em parceria com o professor da sala de ensino regular, dentre outras ações. A mãe **E.M.S**, por seu turno, destacou a importância de aprimorar o raciocínio, a imaginação e a criatividade dos alunos. Ela disse também:

Minha opinião talvez egoísta, acredito que ainda falta muito de cada um de nós enquanto profissionais buscar essas formações para melhor

desenvolver nosso papel e enquanto seres humanos que somos, e somos especiais também nas nossas limitações. Por que qual ser humano não tem limites se existir eu desconheço.

Tendo em vista o exposto acima, Mantoan (2014, p. 7) ressalta que “a garantia do acesso de todos à escola comum é necessária, mas insuficiente para que a educação inclusiva se efetive em nossas redes de ensino”, visto que a lei assegura o direito, mas a escola deve se incumbir de transformar o contexto escolar em um espaço em que todos se sintam verdadeiramente parte dele.

4.2 Análise dos questionários aplicados aos professores e à equipe pedagógica

4.2.1 A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais

Primeiramente, os professores e a diretora participantes desta pesquisa foram questionados a respeito das estratégias que a escola têm desenvolvido para ampliar a parceria e o diálogo com a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Os professores **V.P. Santos** e **V.P Souza** concordaram que acontecem apenas algumas reuniões bimestrais e reuniões de conselhos de classes, mas que, na prática, a escola tem excluído mais do que incluído. Já a diretora **S.J.S.S** disse “que fica mais fácil quando os pais aceitam que os filhos têm deficiência”. Diante do exposto, cabe ressaltar o que dizem Silva, Mendonça e Mieto (2010), isto é, o que somos depende da forma como as pessoas se posicionam na relação que mantêm conosco. Dessa forma, quanto mais ricas e variadas forem nossas interações educacionais, mais potencializadas serão nossas aprendizagens.

Nesta categoria, os professores e a diretora foram convidados a destacarem fatores que favorecem e que enfraquecem a parceria e o diálogo entre a escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais. O professor **V.P. Santos** falou que o apoio de um professor especializado em AEE é de suma importância para auxiliar no processo, bem como uma escola estruturada para atender esses alunos, pois para que a inclusão aconteça na prática um dos primeiros passos é a capacitação dos professores e a estruturação da instituição, tornando-a acessível a todos. No entanto, Silva, Mendonça e

Mieto (2010, p. 3) apontam que a escola precisa ir além disso: “Ainda se faz necessário avançar na construção de um projeto educacional que de forma prospectiva e, porque não dizer, emancipadora, apresente novas formas de se pensar a produção de conhecimento na escola”.

A diretora **S.J.S.S** destacou que, quando a família aceita que o filho tem uma deficiência e compreende que família e escola precisam se unir no processo de inclusão, tudo fica mais fácil.

A professora **V.P. Souza** disse que a troca de informações entre a família e a escola é um dos fatores favoráveis que podem influenciar positivamente no desenvolvimento da criança. E, ainda, destacou “o apoio dos pais no processo de independência, autonomia e socialização da criança”. Esse aspecto do qual a professora fala é caracterizado por Kelman (2010, p. 31) como processo de empoderamento: “Em síntese, empoderamento se baseia no estabelecimento de autonomia e responsabilidade às pessoas na tomada de decisões e ações”. A professora **V.P. Souza** falou, também, que quando a família age dessa forma proporciona a melhoria do desempenho da criança, mas que os pais precisam ser incentivados a desenvolverem essa interação. Nesse sentido, Dessen e Polônia (2007, p. 25) destacam que a escola tem o papel fundamental de “preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo”.

Os três professores participantes desta pesquisa demonstraram os pontos negativos que podem enfraquecer a parceria e o diálogo entre família e escola: falta de palestras e seminários com especialistas para orientação da família e dos profissionais; falta de comunicação e união entre família e escola; falta de apoio da família. A professora **V.P. Souza** disse: “Muitas vezes os pais até tem vontade de participar, mas não sabem exatamente como sua ajuda pode ser válida”. Neste contexto, de acordo com Scardua (2008, p. 86), “para que haja inclusão escolar, é necessário comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, alunos, professores, pais, comunidade, diretor, enfim, todos que participam da vida escolar direta ou indiretamente”.

Os professores e a diretora foram convidados a destacarem as maiores dificuldades que a escola enfrenta para promover o diálogo com a família de alunos com necessidades educacionais especiais. Todos eles destacaram a falta de apoio e orientação de

profissionais especializados para melhor desenvolvimento e implementação do ensino e aprendizagem. Diante deste diagnóstico, é necessário lembrar o posicionamento de Kelman (2010, p. 46): “A parceria entre escola e família é tão fundamental, bem como a necessidade de se investir na formação dos profissionais da educação nas diversas áreas do conhecimento, música, artes e educação física, torna-se um passo inicial para que a sociedade seja inclusiva”.

4.2.2 O professor e a família de alunos com necessidades educacionais especiais

Neste contexto, os professores e a diretora foram questionados em relação às estratégias que o professor deve desenvolver na atuação e mediação do diálogo entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais. A diretora **S. J. S. S.** e o professor **V.P. Santos** indicaram: conversa com a família, reuniões para orientação e cursos de capacitação. Já a professora **V.P. Souza** destacou que a escola deve ser mais atrativa para facilitar o envolvimento dos pais, proporcionando as informações necessárias. Nesse sentido, Fumegalli (2012, p. 22) ressalta que “a escola deve atuar como facilitadora da comunicação e da difusão de informações sobre deficiência, visando a estimular a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania das pessoas com deficiência”.

Ainda nesta categoria, os professores e a diretora foram convidados a opinarem sobre como construir um trabalho em rede de apoio mútuo entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais. Além disso, deveriam opinar sobre qual é o papel do professor neste cenário. A diretora **S. J. S. S.** disse que o professor deve organizar relatos para apresentar para a família de acordo com a participação e interação desse aluno com o professor e os demais colegas, aprendendo a respeitar as diferenças. Nesse sentido, Mendonça, Silva e Mieto (2010, p. 3) colocam:

Muitas vezes, a escola não propicia um trabalho docente coletivo e colaborativo, no qual as dificuldades e sucessos, bem como as diversas formas do fazer pedagógico sejam partilhadas e analisadas para um melhor desenvolvimento de estratégias/métodos de ensino que venham ao encontro da diversidade de alunos que frequentam hoje o sistema educacional.

Diante do exposto acima, os professores **V.P. Santos** e **V.P. Souza** destacaram a importância de se desenvolver parceria com agentes comunitários, enfermeiros e assistente social. Além do contato com profissionais especializados em inclusão, pois o contato com especialista, na visão deles, é de suma importância para o apoio e a orientação dos professores e da família de alunos com necessidades educacionais especiais. **V.P. Souza** ressaltou, ainda, que o professor especializado pode contribuir tanto no trabalho complementar como também em seu caráter colaborativo, assessorando os professores e comunidade escolar, promovendo, assim, a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo principal investigar os fatores que favorecem e/ou enfraquecem a parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Com base nos questionários aplicados aos participantes desta pesquisa, percebemos que ainda há muito a se fazer para transformar a escola em um ambiente para todos, desmistificando a crença de que somos todos iguais.

Entretanto, para implementar essa transformação, é fundamental repensar a estruturação da escola e a capacitação dos professores que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais, visto que os professores que atendem essa demanda não têm formação específica, na maioria das vezes, para assumir o papel de mediador que provoque no discente o desejo de refletir, descobrir, questionar, ousar e alçar altos voos.

Contudo, é papel da escola promover a acessibilidade, garantindo o desenvolvimento de estratégias que vão de encontro às reais necessidades de cada indivíduo. Pois o espaço da escola e o contexto social não oferecem nenhuma acessibilidade aos indivíduos com necessidades especiais, que têm enfrentado inúmeras dificuldades para sobressair no contexto social. Somos indivíduos diferentes, mas com os mesmos direitos e oportunidades.

Todas as etapas desta pesquisa contribuíram para aliar teoria e prática. Sendo importante ressaltar que, mesmo que o processo de inclusão esteja garantido pela Constituição Federal, percebe-se que, na prática, ainda não acontece de fato e as nossas escolas e contextos sociais não estão preparados para exercer o processo de inclusão.

Partindo da premissa de que a instituição se torne um contexto inclusivo, é essencial que a comunidade escolar se envolva no processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico das escolas, com estratégias voltadas para inclusão e acessibilidade dos alunos com necessidades educacionais especiais, reaprendendo a lidar com as diferenças, respeitando a diversidade cultural e social de cada indivíduo.

Como vimos ao longo deste estudo, a família e escola são contextos fundamentais para ampliação da cultura de cada indivíduo. No entanto, a escola precisa fortalecer o diálogo com a família. E juntos traçarem estratégias para implementação do trabalho em rede por meio das associações de pais e mestre, conselhos de classes, dentre outros.

Também consideramos importante que o professor reveja suas concepções e práticas pedagógicas, ressignificando sua forma de ensinar, em um contexto inclusivo, em que as diferenças sejam vistas como uma forma enriquecedora de ampliação do ensino e da aprendizagem. Em última instância, o professor deve aprender a enxergar as diferenças com um novo olhar e compreender que não existe receita de como ensinar ou como desenvolver estratégias para incluir o aluno com necessidades educacionais especiais, tendo em vista que sempre é preciso procurar inovar para trabalhar um novo jeito de ensinar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 2, p. 61-69, jul. 1992.

ARAÚJO, Cidália et al. *Estudo de Caso*. 2008. Disponível em: <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Último acesso em: 27 out. 2015.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf>. Último acesso em: 27 out. 2015.

_____. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília: Secretária de Educação Especial, MEC, SEESP, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Último acesso em: 11 maio 2015.

COELHO, C. M. M. Inclusão escolar. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLÔNIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Último acesso em: 27 out. 2015.

FALKENBACH, Atos Prinz; DREXSLER, Greice; WERLER, Verônica. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. *Ciênc. saúde coletiva*, v. 13, n. 2, dez 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900011>. Último acesso em: 27 out. 2015.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. *O direito das pessoas com deficiência à educação*. 2006. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/15675-15676-1-PB.pdf>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

FERNANDES, J. *A relação escola e família no Ensino Fundamental da rede privada na perspectiva do Coordenador Pedagógico*. 2006. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:

<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3962>. Último acesso em: 27 out. 2015.

FERNANDES, Tereza Liduina Grigório; VIANA, Tania Vicente. *Alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs): avaliar para o desenvolvimento pleno de suas capacidades*. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cae/arquivos/1495/1495.pdf>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 2004, 14 (28), p. 139-152. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. *Inclusão escolar: o desafio de uma educação para todos?* 2012. 50 f. Monografia (Especialização em Educação Especial: Deficiência Mental e Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/ritamonografia.pdf?sequence=1>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

GIL, I. L. de C.; SANTOS, P. F.; BARBATO, S. Interface entre a Pedagogia e a Psicologia Hospitalar. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

KELMAN, C. A. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

_____. A pessoa com surdez na escola. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

MACIEL, D.; RAPOSO, M. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

MANTOAN, M. T. E. *Qualidade e inclusão no ensino médio*. Disponível em: <<http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/10761/qualidade-e-inclusao-no-ensino-medio.aspx>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

MEC. *Guia escolar*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/guiaescolar/guiaescolar_p085_086.pdf>. Último acesso em: 27 out. 2015.

MEIRA, Alexandra Veiga Santos; GOMES; Alzira de Castro. *Escola e família: tecendo redes na Inclusão de Deficientes Intelectuais*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/escola-e-familia-tecendo-redes-na-inclusao-de-deficientes-intelectuais/91448/>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

MENDONÇA, F. L. R.; SILVA, D. N. H.; MIETO, G. S. de M. Inclusão e formação continuada de professores: possíveis contribuições teórico-metodológicas de Yves Clot. In: MACIEL, D.; BARBATO, S. *Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar*. 2. ed. Brasília: UnB, 2010.

PORTELA, Cláudia Paranhos de Jesus; ALMEIDA, Célia Verônica Paranhos de Jesus. *Abordagem multidimensional: família e escola: como essa parceria pode favorecer crianças com necessidades educativas especiais*. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/15>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

RAPOSO, P. N.; CARVALHO, E. N. S. de C. A pessoa com deficiência visual na escola. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

REPULHO, Cleuza. *A importância e os desafios do trabalho em Rede e formas de lidar com os desafios que a escola encontra*. Disponível em: <<http://undime.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Prof-Cleuza-9ago-S%C3%A3o-Paulo-Projeto-Jovem-de-Futuro-A-import%C3%A2ncia-do-trabalho-em-Rede-e....pdf>>. Último acesso em: 27 out. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

SILVA, D. N. H.; MENDONÇA, F. L. R.; MIETO, G. S. de M. O processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual: contradições e desafios nos modos de aprender e ensinar. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

SILVA, Aline Maira da. *Buscando componentes da parceria colaborativa na escola entre família de crianças com deficiência e profissionais*. 2007. Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/24/TDE-2007-01-22T152223Z-1326/Publico/1272.pdf>. Último acesso em: 27 out. 2015.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À FAMÍLIA (MODELO)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Caro(a) pai e/ou mãe. Meu nome é Edite Rodrigues Cardoso Filha, sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, ofertado pelo Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PED) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O presente questionário foi elaborado para subsidiar a construção dos dados que compõem a minha monografia de conclusão do curso acima referido. Peço, por favor, que responda às questões abaixo com a maior sinceridade possível. Ressalto que sua identidade será mantida em sigilo durante todo o processo de construção e divulgação dos dados.

Desde já, agradeço pela sua participação e colaboração.

Edite Rodrigues Cardoso Filha.

Dados de identificação

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: ___ anos

Escolaridade: () Ensino Médio () Ensino Superior () Especialização () Mestrado

() Doutorado

Qual a deficiência do(a) seu(sua) filho(a): _____

Há quanto tempo seu(sua) filho(a) estuda nesta escola: ___ anos

Quantos anos o(a) seu(sua) filho(a) tem: ___ anos

Categoria 1: A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais

1. Na sua opinião, quais estratégias a escola tem desenvolvido para ampliar a parceria e o diálogo com a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)?

2. Em sua opinião, essas estratégias desenvolvidas pela escola, atualmente, têm trazidos bons resultados no que diz respeito à ampliação do diálogo e da parceria entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Em caso positivo ou negativo, por favor, justifique sua resposta.

3. Cite, em sua opinião, pelo menos três fatores que favorecem a parceria e o diálogo entre a escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Por favor, justifique sua resposta.

4. Cite, em sua opinião, pelo menos três fatores que enfraquecem a parceria entre a escola e a família de alunos com NEE. Por favor, justifique sua resposta.

Categoria 2: A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais

1. A escola já proporcionou a vocês algum curso e/ou alguma palestra com profissionais especializados em educação inclusiva? Se sim, você acha que isso fortaleceu a parceria e o diálogo entre família e escola? Se não, por que você acha que isso ainda não foi possível?

2. Em sua opinião, qual é o papel da escola em relação ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do(a) seu(sua) filho(a)? Por favor, justifique sua resposta.

3. Você considera que a escola tem cumprido o papel de ser um ambiente inclusivo e acolhedor para o aluno com necessidade educacional especial (NEE)?

4. Você enfrentou alguma dificuldade e/ou resistência no momento de matricular o(a) seu(sua) filho(a) nesta escola? Em caso positivo ou negativo, por favor, justifique sua resposta.

5. Por favor, sugira ações à escola que você considera importantes que possam fortalecer e ampliar o diálogo e a parceria com a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES E À EQUIPE PEDAGÓGICA (MODELO)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Caro(a) professor(a). Meu nome é Edite Rodrigues Cardoso Filha, sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, ofertado pelo Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PED) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O presente questionário foi elaborado para subsidiar a construção dos dados que compõem a minha monografia de conclusão do curso acima referido. Peço, por favor, que responda às questões abaixo com a maior sinceridade possível. Ressalto que sua identidade será mantida em sigilo durante todo o processo de construção e divulgação dos dados.

Desde já, agradeço pela sua participação e colaboração.

Edite Rodrigues Cardoso Filha.

Dados de identificação

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: ____ anos

Escolaridade: () Ensino Médio () Ensino Superior () Especialização () Mestrado

() Doutorado

Área de formação acadêmica: _____

Tempo de docência (em caso de professor): ____ anos

Quanto tempo de atuação em docência com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) (em caso de professor): ____ anos

Função na escola (em caso de equipe pedagógica): _____

Há quanto tempo trabalha nesta escola (em caso de equipe pedagógica): ____ anos

Categoria 1: A escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais

1. Quais estratégias a escola tem desenvolvido para ampliar a parceria e o diálogo com a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)?

2. Cite, em sua opinião, pelo menos três fatores que favorecem a parceria e o diálogo entre a escola e a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

3. Cite, em sua opinião, pelo menos três fatores que enfraquecem a parceria entre a escola e a família de alunos com NEE.

4. Em sua opinião, quais são as maiores dificuldades enfrentadas pela escola no que diz respeito ao relacionamento e ao diálogo com família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Por favor, justifique sua resposta.

Categoria 2: O professor e a família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)

1. Em sua opinião, quais estratégias o professor pode desenvolver para atuar como mediador do diálogo entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Por favor, justifique sua resposta.

2. Em sua opinião, como construir uma rede de apoio mútuo entre escola e família de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Qual é o papel do professor neste cenário?

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a) _____ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**

ANEXO B – CARTA DE ACEITE INSTITUCIONAL



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*),
 da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa _____ de
 responsabilidade _____ do(a) _____ pesquisador(a) _____
 _____, aluna do Curso de Especialização em
 Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-
 Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob
 orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____, ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE (PROFESSORES E DIRETORA)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre_____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre_____. Assim, gostaria de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação de seu(sua) filho(a) no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Pai/Responsável pelo Aluno

Nome do Pai/Responsável: _____

Nome do Aluno: _____

E-mail(opcional): _____